

SCARLETT MARTON: DA “INSIGNIFICÂNCIA” A SUJEITO SOCIAL¹

Autora: Adriana Aparecida de Souza

Departamento de Ciências Sociais-UFRN

Este trabalho busca evidenciar no âmbito das pesquisas em Ciências Sociais a violência psicológica doméstica. Objetiva-se, assim, discutir a temática tendo como base empírica o processo educativo da escritora Scarlett Marton narrado pela autora em seu Memorial de Formação, elaborado como exigência parcial para seleção de professores do departamento de história da filosofia da Universidade de São Paulo. Evidencia-se que, a violência psicológica intrafamiliar se configura na concepção que se tinha de criança, como também no papel da educação de crianças em meados do século XX, fruto de um modelo formativo social e cultural disciplinador, conforme estudos de Del Priore (1999). Compreende-se que tal modelo é gerador de uma educação que fragiliza a formação do sujeito, portanto, gerado de problemas educativos. Observa-se, na análise, as influências da violência psicológica intrafamiliar sofrida pela autora em sua narrativa, visualizando sua proposição de resignificar tal violência para se evidenciar no mundo, tornando-se, desse modo, um sujeito resiliente (Cyrulnik, 2001).

Palavras chave: Resiliência; Memória; Violência Intrafamiliar

SCARLETT MARTON: DA “INSIGNIFICÂNCIA” A SUJEITO SOCIAL

Este trabalho busca corroborar no âmbito das pesquisas em Ciências Sociais, a violência psicológica doméstica e sua relação com o processo de educação na infância. Assim, a base empírica encontra-se na discussão do processo educativo da escritora Scarlett Marton, narrado em seu Memorial de Formação, o qual evidencia nos relatos de sua infância, a violência psicológica sofrida. Em seus relatos a autora diz que foi em uma de suas redações para a escola com o tema: O que quer ser quando crescer?

¹ GT 07 **Sociedade: Cultura, Memória e Educação**

Que começou a refletir tanto sobre sua profissão como sobre os cuidados e os sentimentos ausentes em sua infância, quando ao responder a essa pergunta diz: - Professora, a forma de existir deveria consistir em devotamento para com o outro, expondo assim, sua carência de cuidado e zelo. Essa passagem de suas memórias expressa a insignificância que a criança tinha dentro de seu contexto familiar. Noutra passagem Scarlett Marton, ratifica essa percepção quando afirma:

“porque nessa época, de fato, eu ocupava muito pouco lugar no mundo; na casa ocupava o lugar de um eletrodoméstico, de uma enceradeira, de um liquidificador [...]. Essa era a minha insignificância. Durante anos, odiei a infância, odiei a mim mesma.” (MARTON, 2004, p. 35).

Essa representação da criança que não a reconhece como sujeito, como um ser que tem função social, faz parte de um momento histórico. Sendo assim, entende-se que as crianças são seres sociais, e dessa forma têm uma história, e estabelecem relações segundo seu contexto de origem. Dessa maneira, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse contexto. Elas são, portanto, enraizadas num todo social que as envolve e que nelas imprime padrões de autoridade, linguagem, e costumes.

A valorização e o sentimento atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como na atualidade do século XXI são concebidas e difundidas, tendo sido modificados a partir de mudanças econômicas e políticas da estrutura social. Nesse sentido, como diz Cambi (1999, p. 387) “no curso do século XIX foram ora as ciências humanas ora as instituições educativas burguesas que puseram cada vez mais no centro da pedagogia a criança, assumida na sua especificidade psicológica e na sua função social.”

Atualmente a educação deve promover as condições de desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, a saber, cognitivo, social, afetivo, emocional e ético. Este pensamento é fruto de um novo olhar dado a educação em que se acredita que o educar significa atender às necessidades da criança como um ser complexo e multifacetado. Com esta nova concepção de infância, surgiram também os discursos da psicologia, da pedagogia, e dos movimentos de direitos humanos que possibilitaram compreender que a forma educacional até então existente, que não via a criança como um ser diferente do adulto, trazia conseqüências nefastas para o desenvolvimento da criança. Isto gerou discussões no âmbito acadêmico sobre as relações entre pais e filhos e essas foram sendo ampliadas a partir da década de 1970, contribuindo assim, para a constituição de conceitos de violência doméstica ou intrafamiliar contra crianças e adolescentes, convencionado-a em quatro tipos diferentes, a violência física, a violência sexual, a negligência e a violência psicológica.

Dessa forma, a violência psicológica intrafamiliar seria toda a ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à auto-estima, à identidade ou ao

desenvolvimento da criança, depreciando-a, bloqueando seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental, sendo assim, mais difícil de ser detectada (GUERRA, 1998). Essa forma de agir com a criança configura a concepção que se tinha de criança, e o papel da educação de crianças em meados do século XX. Este fruto de um modelo formativo social e cultural disciplinador. Nessa trajetória a história da criança se fez à margem dos adultos, sofrendo violência, humilhações etc., sendo prisioneira da escola, da igreja, da legislação, e do sistema econômico conforme estudos de Del Priore (1999).

Scarlett Marton (2004) via a escola como um lugar no qual ela podia se libertar, não porque lá ela encontrasse crianças de sua idade, nem pelo fato de brincar com outras crianças, como também não era um lugar que tivesse efeito libertador, mas a escola possibilitava se livrar do sentimento de desprezo que sentia, já que em seu ambiente familiar não era reconhecida como “alguém”. Segundo ela sendo um lugar disciplinador, bastava seguir as regras para ter existência. E foi essa busca incessante por um lugar no mundo que a levou a se questionar sobre questões existenciais.

Foi no universo da leitura que a autora Scarllet Marton viajava entre os livros infanto-juvenis que a fazia viajar nas histórias bem como o meio de fugir de sua insignificância, pois nas histórias ao participar delas se tornava uma das personagens, logo um ser no mundo.

Compreende-se que tal modelo de educação, tanto dentro da família quanto nas escolas, é gerador de uma educação que fragiliza a formação do sujeito, ou seja, não enfatiza a aprendizagem vinda das relações socio-afetivas. Percebe-se que as conseqüências são expressas nas palavras da Scarllet Marton (2004, p. 38): “uma timidez congênita, que travava a minha memória e me paralisava por inteiro, não facilitava a comunicação”. Um dos sintomas que indicam a presença de violência psicológica segundo a literatura seria a timidez. (GUERRA, 1998). Provavelmente a timidez se apresentava como o reflexo negativo, que impedia a socialização da autora com o seu redor. E isto, estava tão presente na dificuldade que ela tinha de se relacionar com o mundo, que foi expressa com bastante ênfase em suas falas.

Portanto, a educação tradicional pode ser gerador de vários problemas educativos, no caso em questão em relação ao afetivo já que Scarllet Marton não conseguia se relacionar com as outras crianças na escola, como bem diz em suas palavras (2004, p 35): “sempre detestada pelas colegas, que não viam como aproximar-se de mim, tamanho eram os empecilhos em comunicar-me, os entraves para relacionar-me”. Dessa forma nesta análise, visa-se compreender as influências da violência psicológica intrafamiliar sofrida pela autora em sua narrativa, visualizando sua proposição de resignificar tal violência para se tornar evidente no mundo, tornando-se, desse modo, um sujeito resiliente.

Assim, pode-se dizer que a autora busca sua resignificação mergulhando nos estudos. Sua narrativa sugere que a escola se tornou seu refugio, pois era lá que lhe exigiam o cumprimento de regras, e ao segui-las marcava a sua existência no mundo. Sendo assim, era na escola que Scarlett Marton encontrava sua existência ontológica. Essa constatação conduz à teoria de Boris Cyrulnik (2001) na qual o sujeito pode buscar um sentido positivo às suas dificuldades, as suas adversidades, isto é, “dar a volta por cima,” ou seja, tentar superar as adversidades da vida.

Entende-se que a violência nega o direito de crianças à liberdade e ao respeito, aprisionando a sua vontade e transformando-as em coisa ao submetê-las ao poder do adulto. A violência sofrida por Scarlett Marton deixava-a prisioneira, como ela mesma diz: “não gozei a infância, fui submetida a ela” (MARTON, 2004, p. 35). Essa visão da autora é fruto de uma época em que a criança era tida como insignificante no seio familiar. Portanto, pode-se dizer que a indiferença e o isolamento, foi o que mais a autora enfatizou nos seus relatos, diante dessa propositiva observa-se que, foram os estudos que possibilitaram a “itinerância” de Scarlett Marton, como diz Cyrulnik (2001, p. 201).

uma lembrança autobiográfica impropriamente generalizada torna-se assim o paradigma de nossa trajetória na vida. Logo a criança que consegue estabilizar suas divergências, isto é, uma criança resiliente, conhece assim sua “itinerância,” e assim, consegue estabelecer uma rota a seguir, se orientam para um objetivo, transformando seu sofrimento em reorganizador do seu eu.

Entendendo aqui como itinerância o caminho que os indivíduos traçam, objetivos, vontades, desejos os quais os orientam em sua vida e os guiam para reconstruí-la. Sempre se debatendo com uma não-existência que se colocava diante de sua existência. Aos doze anos Scarlet Marton já dava aulas de português e matemática, com essa mesma idade já estava determinada a estudar a filosofia, em função, de considerá-la a mais apropriada ao universo imaginário criado por ela. Aos quinze encontrou a sua primeira questão, e aos dezessete prestou vestibular para o curso de filosofia da Universidade de São Paulo passando em primeiro lugar. Nessa época já conhecia o inglês, francês, alemão, espanhol, grego e latim. Foi dentro da docência que a Scarlet conseguiu encontrar formas de lidar com a timidez que a impossibilitava de se relacionar com o mundo, pois para ela a docência possibilitou o direito a palavra tão negado em sua existência dentro do âmbito familiar.

Como bem a autora discute em seu memorial que somos muito mais determinados do que julgamos. Diz Marton (2004, p. 23): “determinados pela situação em que encontramos e pelos impulsos, paixões ou desejos, que de nós se apropriam.” Logo, foi o desejo de ser reconhecida, de encontrar seu lugar no mundo que a instigou a se aprofundar nos estudos, já que foi nele que Marton encontrou-se com seu lugar de existência no mundo. Dessa forma, era nos estudos que Scarlett Marton buscava de todas as formas se libertar de sua infância, na qual se sentia prisioneira, e para tanto, inventava outras identidades, fabulava outras vidas mais plenas de sentido, dando assim, uma maior densidade a sua existência no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se a certeza que este pequeno artigo não dá conta de uma problemática complexa como a que envolve violência psicológica no contexto intrafamiliar, bem como, suas conseqüências na aprendizagem das crianças, e essas conseqüências podem ser negativas, trazendo prejuízos para a criança nas suas relações sociais a isolando, entretanto, se existir um ambiente que possibilite uma ressignificação dessa realidade a criança pode superar os possíveis problemas acarretados por esse tipo de violência.

No entanto, pontua-se aspectos que podem ser levados em consideração em estudos com tal temática quais sejam: acredita-se ser uma variável fundamental para a perpetuação de práticas de violência psicológica, são fundamentados em cima do poder que pais têm sobre os filhos fruto de valores culturais sobre o cuidar de crianças que os pais acreditam ainda serem necessários, e que são aceitos socialmente. Com tudo, esse cuidar envolve todo um discurso de proteção baseado em instrumentos que podem causar danos psicológicos e físicos, o qual aceitos e legitimados pela sociedade.

Espera-se, por fim, que estas reflexões aqui levantadas possam contribuir com a compreensão do fenômeno apesar de entender a complexidade que envolve a temática, entende-se, por fim, que os comportamentos e as regras são aceitos socialmente e variam de acordo com cada cultura, no entanto, entende-se que educar é transmitir regras, comportamentos, isto é, fornecer modelos, deve-se também deixar claro a necessidade de expor cada vez mais a diferença entre educar e agredir fisicamente e psicologicamente, e que é de fundamental importância contribuir para que crianças que vivenciam esses tipos de violência possa ter oportunidade de construir seus mecanismos de ressignificação.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, cap. I, 1999.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2001.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos afetivos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007

DEL PRIORE, Mary. **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

DEL PRIORE, Mary. **A família no Brasil Colonial**. São Paulo: Moderna, 1999.

GOMES, R.; DESLANDES, S. F... Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, v.18 n°. 3, Rio de Janeiro Maio/junho. 2002.

GUERRA, V. N. de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada.** 3ª ed., São Paulo, Cortez, 1998.

MARTON, Scarlett. **A irrecusável busca de sentido.** São Paulo: UNIJUÍ, 2004.